

Musicalização infantil no Brasil: um estudo sobre cursos de educação musical para crianças vinculados a instituições de ensino superior.

Tiago Madalozzo

Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Curitiba I (FAP)
/ Alecrim Dourado Formação Musical
tiago.madalozzo@unespar.edu.br

Vitor Silveira da Costa

Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Curitiba I (FAP)
costavitorcsc@gmail.com

Comunicação

Resumo: Nesta pesquisa analisa-se a maneira como têm sido conduzidas as práticas musicais em cursos de educação musical destinados a crianças em universidades de diferentes regiões do país. O objetivo é estudar os processos de ensino-aprendizagem em música para crianças nestes programas, procurando analisar a hipótese de que haja traços metodológicos comuns a todos os cursos, garantidas ainda as especificidades locais. Para tanto, parte-se do estudo de três textos centrais: Freire e Freire (2008), Russell (2005) e França e Swanwick (2002), em que se apresentam considerações sobre o planejamento, a prática e a avaliação em música. Estes elementos são utilizados como base para a coleta de dados sobre os cursos de musicalização no Brasil, a partir da aplicação de entrevistas com coordenadores de três cursos que compõem a amostra. Para a coleta e a observação de dados, utiliza-se três pontos de vista: o contexto e a organização, o planejamento, e a avaliação. Como principais considerações levantadas, assume-se que há de fato traços comuns nos cursos estudados, e que os elementos teóricos selecionados ao longo da pesquisa dão conta de definir alguns destes traços.

Palavras chave: Educação musical; musicalização infantil; Metodologias de ensino.

Introdução

O tema desta pesquisa é a educação musical infantil em cursos de música ligados a diferentes universidades brasileiras. Em encontros recentes como o II Seminário Brasileiro de Educação Musical Infantil (Salvador, 2011), o XXI Congresso Anual da ABEM (Pirenópolis, 2013), o Seminário Internacional da *Early Childhood Music Education Commission* e a Conferência Internacional de Educação Musical da *International Society for Music Education* (Brasília e Porto Alegre, 2014), e o XIV Encontro Regional Sul da ABEM (Blumenau, 2014), muitos relatos têm sido apresentados e discutidos pelos professores e acadêmicos da área, em especial

naqueles casos em que as universidades possuem programas de educação musical infantil, muitas vezes como projetos de extensão, envolvendo crianças entre os zero e os sete anos, aproximadamente.

A partir da constatação inicial de que há ao menos doze programas que se encaixam nesta situação, nesta pesquisa examina-se de que forma são conduzidas as práticas musicais com as crianças pequenas. O objetivo geral é estudar os processos de ensino-aprendizagem de música para as crianças pequenas da forma como têm sido encaminhadas nos cursos de musicalização.

Para tanto, a pesquisa tem como encaminhamentos metodológicos a análise bibliográfica, a fim de fornecer dados sobre os processos de ensino-aprendizagem de música para crianças; e a pesquisa de campo, em forma de entrevistas com coordenadores dos projetos selecionados. Pretende-se examinar a hipótese de que exista de fato uma metodologia global que cruza todos estes cursos, além de elementos locais na especificidade de cada um.

Esta pesquisa é resultante de um projeto ligado ao Grupo de Pesquisa Música, Cultura e Sociedade da Unespar - campus de Curitiba II e ao Programa de Iniciação Científica da Unespar, com financiamento da Fundação Araucária.

Musicalização infantil no centro do debate

O ponto de partida da pesquisa é o conceito de musicalização enquanto estratégia pedagógica apropriada para o ensino de música para crianças. Autoras como Gainza (1998), Joly (2003) e Penna (2010) concordam que a educação musical para crianças deve ser realizada de forma lúdica, a partir de uma série de atividades musicais que, gradualmente, propiciem um contato mais amplo das crianças com a linguagem musical, desenvolvendo as habilidades perceptivas para que elas se tornem cada vez mais receptivas ao fenômeno sonoro, e também para que sejam capazes de reagir a estes estímulos com respostas musicais.

Além da constatação de que o campo da educação musical infantil tem se expandido no país nos últimos anos (conforme dados apresentados nos seminários apontados no início deste relato), estudos preliminares (ILARI, 2010; BARBOSA E MADALOZZO, 2011; MADALOZZO E MADALOZZO, 2013, 2014), evidenciam aspectos

metodológicos de cursos de musicalização infantil no sul do Brasil. Entende-se que é viável ampliar este comparativo a cursos de mesma natureza no país.

Na primeira etapa do trabalho, analisou-se três abordagens como referencial teórico sobre musicalização infantil. Nos três subtítulos seguintes, resume-se as principais considerações levantadas em cada texto, que orientaram ainda, posteriormente, a construção do instrumento de coleta de dados.

O caso da UnB e a importância dos processos de planejamento e avaliação

Em artigo publicado pelos professores Sandra e Ricardo Freire, da Universidade de Brasília, analisa-se o sistema de planejamento empregado no curso de extensão Música para Todos, destacando-se alguns elementos: a atenção ao desenvolvimento dos alunos; o trabalho processual de aprendizagem da linguagem musical; o uso de estratégias didáticas dinâmicas; e o emprego de ferramentas de planejamento integrativas, flexíveis e arrojadas (FREIRE E FREIRE, 2008, p.157).

Para Freire e Freire (2008, p.158), o planejamento deve contemplar o processo de desenvolvimento cognitivo da criança em cada turma diferente, ocorrendo em três dimensões: macro (organização semestral, com objetivos de longo prazo, avaliado de forma somativa); intermediário (modular, com objetivos de médio alcance, e avaliação formativa); e micro (contexto da aula, com objetivos imediatos e avaliação diagnóstica). Mudam os objetivos, mas também as maneiras de avaliação: no contexto micro, a avaliação evidencia as necessidades educacionais das crianças; no contexto intermediário, a aquisição teórica dos conceitos; no macro, o conhecimento integrado à conduta do aluno (FREIRE E FREIRE, 2008, p.158).

O planejamento estabelece os objetivos do semestre, os de cada módulo, os tipos de atividades a serem aplicadas, chegando-se ao roteiro de cada aula; e retomando o processo do início para dar continuidade ao planejamento da aula seguinte (FREIRE E FREIRE, 2008, p.159).

Estes apontamentos sobre a música enquanto vasto campo de conhecimento e a ênfase dada aos processos de planejamento e avaliação serão discutidos mais à frente.

Aulas de música no Canadá e a gestão de sala de aula

Em seguida, estudou-se o relato da educadora musical Joan Russell sobre a gestão de sala de aula empregada na musicalização para crianças de 6 anos por uma professora em uma escola canadense (RUSSELL, 2005, p.73). Russell salienta que a experiência desta professora se resume aos seguintes pontos: o engajamento e a concentração das crianças ao longo da aula; as estratégias de domínio da disciplina nas turmas; o desenvolvimento das atividades levando em conta os limites do potencial de aprendizagem das crianças (RUSSELL, 2005, p.76-79).

Segundo Russell, na aula observada havia claramente uma estrutura de início-meio-fim, de forma que as crianças entendiam o que se esperava delas em cada etapa (RUSSELL, 2005, p.83). O conteúdo da aula era organizado a partir do princípio de unidade temática, mas com uma variedade de procedimentos, repertórios, configuração espacial das crianças, entre outros (RUSSELL, 2005, p.83-84). Ao final, Russell considera que a habilidade da professora em calibrar o ritmo da aula em função das habilidades e dos interesses das crianças definia ainda um bom andamento (RUSSELL, 2005, p.84).

Deste artigo pode-se extrair características centrais do processo de ensino da musicalização, enfatizando aspectos de gestão da sala de aula de música para crianças.

Composição, apreciação e performance na educação musical

Já o terceiro artigo deriva de uma pesquisa de Cecília Cavaliere França com o educador musical inglês Keith Swanwick. De acordo com os autores, as crianças devem participar de um fazer musical englobando atividades de composição, apreciação e performance. Uma educação musical abrangente deve fornecer estas possibilidades de engajamento com a música (FRANÇA E SWANWICK, 2002, p.8).

Para os autores, enquanto processo, a composição possibilita um contato direto do aluno com seu conhecimento musical. Enquanto produto, estimula o estudante ao melhor exercício possível de todo o processo (FRANÇA E SWANWICK, 2002, p.10). Já a apreciação deve levar as crianças a explorarem todo o material sonoro com os quais têm contato, pois ouvir significa ampliar o repertório de possibilidades musicais

(FRANÇA E SWANWICK, 2002, p.12-13). Por fim, a performance tem o papel de levar as crianças a uma produção ativa e criativa. Quanto mais condizente for o nível de repertório com as habilidades das crianças, mais será estimulado seu aprendizado (FRANÇA E SWANWICK, 2002, p.14).

O estudo do artigo mostrou-se importante ao orientar experiências de educação musical abrangentes, tornando o ensino rico e possibilitando um aprendizado permeado por diferentes instâncias, fomentando o crescimento dos estudantes no âmbito da linguagem musical.

Metodologia

Após a etapa inicial de revisão bibliográfica, na definição do instrumento de pesquisa para a coleta de dados optou-se pela entrevista, uma vez que os dados seriam analisados de forma qualitativa. Desta forma, o esforço passou a ser o de formular questões abertas para um roteiro de entrevista, aplicada via telefone ou por meio de conferência *online*.

Em uma busca preliminar, levantou-se doze projetos de musicalização infantil ligados a universidades em todas as regiões do país. Após análise inicial, definiu-se a amostragem de três cursos, em função do cronograma previsto para a pesquisa. Selecionou-se os cursos de musicalização da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. A escolha se deu pela variável temporal: cada curso foi instituído em épocas diferentes, o primeiro, há dez anos; o segundo, há seis; e o último, há um ano.

Observação e análise de dados: o caso dos cursos de musicalização da UFBA, da UFPB e da UFMS

As entrevistas foram divididas em três seções temáticas, agrupando um total de vinte e cinco questões. As seções foram: 1) Contexto e organização do curso; 2) Proposta pedagógica; 3) Avaliação. Para a apresentação dos dados, as mesmas três seções são utilizadas.

Contexto e organização

O curso de musicalização da UFBA existe desde a década de 1960 em Salvador, envolvendo crianças a partir dos 4 anos, e desde o ano de 2006, também a educação infantil. A musicalização na UFPB iniciou no ano de 2010, em João Pessoa, a partir de um grupo de estudos em educação musical infantil, e foi implementada como projeto de extensão em 2011. Já o curso da UFMS iniciou no ano de 2015, a fim de contemplar a musicalização de crianças com idade inferior aos seis anos, pois a partir desta idade a universidade já oferecia a opção do Projeto Coral Infantojuvenil, o PCIU!.

Os três cursos são projetos de extensão nas respectivas universidades, mas também têm profunda ligação com atividades de ensino e pesquisa. Por esta razão, as três entrevistadas afirmam que os projetos são ao mesmo tempo oportunidades de extensão para a comunidade, e laboratórios-escola para os licenciandos em música dos cursos superiores destas instituições.

Mariana de Araújo Stocchero, coordenadora do curso de musicalização da UFMS, afirma ainda que o objetivo do projeto é, a longo prazo, haver um entendimento da comunidade de o que é musicalização, ou seja, que não se trata de um grupo artístico porque não visa uma apresentação musical final, mas sim uma construção musical que valoriza o processo, o dia a dia de experiências (STOCCHERO, 2016).

Angelita Vander Broock Schultz, coordenadora da musicalização infantil da UFBA, afirma que um dos principais objetivos das atividades é que todos os envolvidos (crianças, pais, professores) saiam felizes após o término de cada aula: a ideia é que a educação parta do afeto e do interesse, desenvolvendo crianças sensíveis à música, e não necessariamente músicos profissionais (SCHULTZ, 2016).

Já Caroline Brendel Pacheco, coordenadora do projeto de musicalização infantil da UFPB, comenta que o curso tem como foco a formação de profissionais capacitados para lidar com a educação musical para o público infantil, e que este processo vem acontecendo simultaneamente a um forte movimento de descentralização da musicalização do espaço universitário, viabilizando o contato com mais profissionais e fomentando ainda mais o cenário educacional musical de João Pessoa. Atendem-se crianças não só em turmas na universidade, mas também na Escola Estadual de Música Anthenor Navarro (EEMAN), além de dois novos polos, a Casa da Criança com Câncer e a Associação de Pais e Amigos dos Autistas da Paraíba -

tudo por conta da grande demanda que foi criada com o curso desde que começou a ser oferecido (PACHECO, 2016).

Os cursos têm um número de turmas diferente a partir da respectiva abrangência; contudo, nos três casos as crianças são divididas em turmas com intervalo máximo de um ano entre elas, e a duração das aulas é de 45 a 55 minutos. Os pais participam das atividades dentro de sala apenas com as crianças até os três anos de idade.

Os professores-estagiários atuantes no curso são em sua maioria acadêmicos dos cursos de licenciatura ou bacharelado em música das respectivas universidades, e os projetos de extensão permitem que alguns sejam contemplados com bolsas para as tarefas de planejamento, docência e avaliação nos cursos de musicalização.

No caso do curso da UFMS, há uma bolsista que participa das atividades de planejamento e está iniciando as intervenções em sala de aula em conjunto com a coordenadora, que até o momento também é a principal professora (STOCCHERO, 2016). No curso de musicalização da UFPB, são nove professores já graduados e três concluintes da universidade, bolsistas de extensão ou de programa de apoio à licenciatura, além de três voluntários e quatro professores do Estado (PACHECO, 2016). Já em Salvador, são cerca de oito a dez professores a cada semestre, e Schultz destaca o mesmo sistema empregado na UFPB, o regime de aprendizagem por pares, em que atuam conjuntamente um aluno da graduação e um egresso (SCHULTZ, 2016).

O espaço físico em que acontecem as atividades é adaptado, no caso da UFMS: atualmente uma equipe de voluntários (licenciandos e pais das crianças) organiza as salas do próprio curso de graduação para receber as crianças a cada semana (STOCCHERO, 2016). Na UFBA o procedimento é similar. Como as aulas acontecem nas sextas-feiras, consegue-se preparar as salas que as turmas de graduação de música utilizam durante a semana (SCHULTZ, 2016). Já no curso da UFPB, dado o projeto de descentralização, as aulas acontecem nos diferentes espaços já mencionados, com intenção ainda de expandir as atividades para equipamentos culturais e artísticos, núcleos, ONGs, espaços públicos, e em parceria com espaços sem fins lucrativos (PACHECO, 2016).

Proposta pedagógica

As três coordenadoras afirmam que as abordagens são baseadas em metodologias musicais ativas. Stocchero (2016) menciona a influência do método Kodály em atividades com as crianças de mais de seis anos, e antes, o objetivo de criar um ambiente de estimulação, vivência, brincadeira para as crianças menores. Schultz (2016) considera que um dos pedagogos fundamentais nas abordagens conduzidas na musicalização da UFBA é Edgar Willems, insistindo na importância da audição musical ativa. Já Pacheco (2016) menciona os estudos Freireanos como referencial presente nos momentos de planejamento com os professores da musicalização da UFPB.

Justamente na UFPB, as reuniões de planejamento são semanais, com duração aproximada de três horas e meia, sendo uma e meia de planejamento e as outras duas para discussões e trocas de experiência sobre as práticas em sala de aula, partindo sempre de um eixo temático semestral (PACHECO, 2016). O mesmo acontece na UFMS, em que a reunião semanal tem duração de uma hora dedicada à estruturação das aulas seguintes, a partir de uma avaliação processual, aula a aula (STOCCHERO, 2016). Já na UFBA as reuniões de planejamento são semanais, e baseiam-se em uma discussão sobre as habilidades musicais das crianças em cada faixa etária no início de cada semestre (SCHULTZ, 2016). As três coordenadoras mencionam o fato de os professores terem liberdade para adaptar as atividades planejadas ao longo das aulas. Schultz (2016) afirma que “O plano de aula orienta, mas não é absoluto”, e as transições de uma atividade a outra acontecem a partir da avaliação das respostas das crianças, verificando seu desenvolvimento musical a cada passo.

Em ambos os cursos da UFMS e da UFBA, segundo as coordenadoras, cada aula possui uma estrutura, iniciando com uma canção de boas-vindas, seguida com a seção central de desenvolvimento, com atividades variadas como danças de roda, movimento sem locomoção, execução de escala musical, canto, instrumental, atividades livres para movimentação e socialização, audição musical ativa, leitura musical (para os mais velhos), e finalizando com atividades de relaxamento e apreciação musical de maneira mais passiva. As duas coordenadoras citam ainda que em aula são incluídas atividades de execução, apreciação e criação musical (STOCCHERO, 2016; SCHULTZ, 2016). A diferença entre os níveis, além das especificidades de desenvolvimento das crianças em cada etapa, é assinalada por

Schultz, ao afirmar que o andamento das atividades da aula das crianças mais velhas é mais livre em comparação com a das menores (SCHULTZ, 2016).

Quanto ao repertório, todas as coordenadoras mencionam a busca por materiais musicais diversificados, seja com música cantada ou instrumental, erudita ou do universo infantil.

Avaliação

No curso de musicalização da UFMS, os professores são orientados a estarem atentos para verificar a avaliação de cada atividade, havendo um momento pós-aula para se discutir a atuação de cada aluno e sua evolução (STOCCHERO, 2016). Já nas disciplinas da graduação os licenciandos aprendem a trabalhar com o portfólio de avaliação, e há o projeto de que, em próximos semestres, este instrumento seja implantado por turma, a fim de que seja visível a avaliação tanto para os professores quanto para os pais das crianças (STOCCHERO, 2016).

No caso da UFPB, Pacheco (2016) afirma que, mais do que uma atividade de extensão, a musicalização pode ser entendida atualmente como um curso livre, dado o porte que apresenta. Segundo a coordenadora, a equipe está em processo inicial de discussão para estruturação de um currículo de musicalização. Pacheco exemplifica a especificidade do polo de musicalização da EEMAN, em que o perfil é de formação de instrumentistas, e por isso são ofertadas atividades de ensino de violão, saxofone e violino em grupo (PACHECO, 2016).

Já caso da UFBA, Schultz comenta sobre o fato de que se avalia igualmente a partir da observação da expressividade musical das crianças, em reuniões semanais que priorizam a avaliação em forma de diálogo, uma vez que não há instrumentos formais ou documentais de registro (SCHULTZ, 2016).

Considerações finais

Após a exposição dos dados coletados, pode-se afirmar: 1) que o referencial teórico da pesquisa está em consonância com o que vem sendo praticado nos cursos de musicalização estudados; e 2) que a hipótese inicial foi comprovada, uma vez que fica clara a emergência de um modelo metodológico que, salvo especificidades

culturais e administrativas locais, e ainda a variável de tempo, parece definir os três cursos de forma semelhante.

Cabe destacar que a organização de cada um dos três cursos parte de decisões estruturais parecidas em relação a tempo de aula, distribuição das crianças em turmas, e número e configuração de professores em sala. As propostas pedagógicas baseiam-se em referenciais teóricos e metodológicos semelhantes, e a avaliação parte igualmente de pressupostos e ferramentas em comum.

Em um balanço a partir do referencial teórico estudado, as entrevistas ofereceram dados que possibilitam afirmar que as atividades musicais acontecem com atenção dos professores ao desenvolvimento das crianças em cada etapa; que a linguagem musical é valorizada em aula a partir do uso de diferentes estratégias; que para isso lança-se mão de um sistema de planejamento semanal amparado pelo nível macro, sempre em função de uma avaliação processual; e que explora-se diferentes modos de expressividade das crianças, não de forma técnica e superficial, mas criando um envolvimento definitivo delas com a música.

Desta forma, nesta pesquisa foi possível compreender de forma mais ampla o ensino de música em cursos voltados a crianças, assunto que se abre como possibilidade para exploração de outros contextos em diferentes regiões do país.

Referências

BARBOSA, Vivian D. A.; MADALOZZO, Tiago. Título do trabalho. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL, 2., 2011. Salvador. *Anais...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. p.45-56. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/anais/AnaisdoIIseminariobrasileiroeducacaomusicalinfantileVEncontroInternacionalEducacaoMusical.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FRANÇA, Cecília C.; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. In: Em Pauta Em Pauta Em Pauta. Porto Alegre: v. 13, n.21, 2002. p. 05-41. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/download/8526/4948>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FREIRE, Ricardo D.; FREIRE, Sandra. Planejamento na Educação Musical Infantil. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 18., 2008. Salvador. *Anais...* Salvador: Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, 2008. p.157-161. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2008/comunicas/COM383%20-%20Freire%20et%20al.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

GAINZA, Violeta. *Estudos de psicopedagogia musical*. 3.ed. São Paulo: Summus, 1988.

JOLY, Ilza Z. L. Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (orgs.). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p.113-126.

ILARI, Beatriz S. A community of practice in music teacher training: the case of Musicalização Infantil. *Research Studies in Music Education*, v. 32, n. 1, jun. 2010. p. 43-60. Disponível em: <<http://rsm.sagepub.com/cgi/content/abstract/32/1/43>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

MADALOZZO, Tiago; MADALOZZO, Vivian D. A. B. *Planejamento na musicalização infantil*. In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita (orgs.). *Música e educação infantil*. Campinas: Papyrus, 2013. p.167-190.

_____. *Early Childhood Music Education in Curitiba, Brazil: from Musicalização Infantil (Federal University of Paraná) to a New Context*. Trabalho apresentado na Conferência Internacional de Educação Musical da International Society for Music Education, Porto Alegre, 2014.

_____. Educação Musical infantil em Curitiba: analisando dois modelos metodológicos em projetos de musicalização infantil. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, 14., 2014. Blumenau. *Anais...* Blumenau: Universidade Regional de Blumenau, 2014. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/>>

conferencias/index.php/regional_sul/regional_sul/paper/view/515/60>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PACHECO, Caroline B. Entrevista concedida a AUTORES. Curitiba, 15 jun. 2016.

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RUSSELL, Joan. Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, 2005. v. 12. mar. 2005. p. 73-88. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_artigo10.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SCHULTZ, Angelita V. B. Entrevista concedida a AUTORES. Curitiba, 31 mai. 2016.

STOCCHERO, Mariana A. Entrevista concedida a AUTORES. Curitiba, 31 mar. 2016.